



Lula insiste em fim do sigilo

Presidente diz que entregará, hoje, autorização para acesso a dados bancários e telefônicos e cobra que Flávio faça o mesmo

» FERNANDA STRICKLAND
» RENATO SOUZA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) desafiou, ontem, o senador Flávio Bolsonaro (PL), seu adversário na disputa pelo Planalto, a autorizar a quebra dos sigilos bancário e telefônico dele e dos familiares. Durante a sabatina do SBT, o petista afirmou que prepara uma procuração para permitir investigações sobre os próprios sigilos e da família. O chefe do Executivo voltou a associar o rival ao banqueiro Daniel Vercaro, dono do Master.

“Ontem (domingo), eu fiz um desafio ao meu adversário: vamos quebrar o sigilo bancário, civil e jurídico. Vamos quebrar o sigilo telefônico”, declarou o presidente, ao defender que denúncias de corrupção sejam investigadas.

Lula afirmou estar cansado de acusações que, segundo ele, não resultam em apurações conclusivas após o encerramento das eleições. Em seguida, acusou Flávio de mentir sobre sua relação com o dono do Master. “Só no caso Vercaro, já menti 43 vezes, dizendo que eu não conhecia o Vercaro. Ai aparece com uma foto de churrasco com ele, no avião dele”, afirmou.

Ele disse que sua família prepara uma procuração para autorizar as investigações e cobrou que o adversário faça o mesmo com seus familiares. “Eu quero que você faça o mesmo da sua família, você, seus irmãos, e vamos entregar, vamos deixar investigar, para saber onde é que está a corrupção neste país”, declarou. Na sabatina, Lula chamou o senador de “miliciano”.

Questionado sobre a aprovação de projetos econômicos e sociais às vésperas do segundo turno, Lula negou que o governo tenha intensificado a apresentação de medidas apenas por causa da eleição. “Temos dois meses pela frente. Eu não vou deixar de dar um benefício que eu posso dar porque tem eleição”, ressaltou.

Ele citou a reforma tributária, aprovada em 2023, e a PEC da Segurança Pública, apresentada em março de 2025, para argumentar que as propostas foram construídas ao longo do mandato, e não apenas no período eleitoral.

Congresso

Também mencionou a atuação dos presidentes da Câmara e do Senado na tramitação de projetos, incluindo a proposta de fim da escala 6x1. Segundo ele, a intenção era de que a matéria fosse votada antes do primeiro turno, mas isso não foi

Ricardo Stuckert



Lula em ato em Porto Alegre: “Enquanto eu estiver vivo, ladrão nenhum, fascista, miliciano desqualificado nenhum vai governar este país”

» Janones orienta do hospital

O deputado André Janones (Rede-MG) retomou, ontem a noite, as atividades do Exército do Lula nas redes sociais, após cerca de 19 horas de inatividade. O canal, criado no WhatsApp para mobilizar apoiadores do presidente Lula, estava parado desde a internação do parlamentar, em São Paulo. Ele teve arritmia cardíaca e falta de ar. Ao retomar as atividades, Janones enviou áudios com orientações à militância para mobilizar apoiadores durante a sabatina do presidente no SBT, incluindo a divulgação do desafio de Lula para que os candidatos autorizem a quebra de seus sigilos bancário e telefônico.

possível. Ao defender a aprovação de medidas na reta final da campanha, o presidente afirmou que seus efeitos ultrapassam o calendário eleitoral. “Não é um benefício para o mês, é um benefício para décadas.”

T a m b é m o n t e m , e m

pronunciamento antes de evento de campanha em Porto Alegre, Lula afirmou que vai entregar, hoje, ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a autorização para quebra de sigilo bancário e telefônico dele e da família. De acordo com o chefe do Executivo, o documento permite que sejam acessadas as movimentações e conversas de todos os seus cinco filhos. Ele acrescentou ter a expectativa de Flávio Bolsonaro faça o mesmo.

“Estou mandando para o excelentíssimo presidente do TSE, abrindo meu sigilo telefônico, meu sigilo bancário, da minha família, dos meus cinco filhos, e pedido que o Flávio Bolsonaro faça o mesmo”, ressaltou. “Vou entregar isso amanhã (hoje) no TSE, na expectativa de que o candidato adversário apresente proposta para abrir seu sigilo de suas empresas e da sua família. Está na hora de a sociedade brasileira ir votar, saber em quem está votando. Este país não pode ter um miliciano na Presidência.”

Ainda de acordo com o petista, a decisão de incluir os filhos ocorreu para evitar ataques aos familiares. “Toda eleição sei que inventam algo da minha família. Esta é a minha última disputa, e eu não posso deixar que um ladrão tente jogar a minha biografia no lixo”, disparou.

No Sul, ataque ao adversário

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou, ontem que se sentiu encabulado ao participar do debate presidencial com Flávio Bolsonaro (PL), na TVBandeirantes no domingo. Durante ato de campanha em Porto Alegre, o petista chamou o adversário de “miliciano desqualificado” e comparou o confronto com encontros que já teve com presidentes e lideranças internacionais.

Lula afirmou que já participou de reuniões com diversos chefes de Estado e líderes mundiais, mas que se sentiu constrangido ao debater com Flávio. “Enquanto eu estiver vivo, ladrão nenhum, fascista, miliciano desqualificado nenhum vai governar este país”, disse o presidente.

No discurso, Lula também retomou o desafio para que Flávio autorize a abertura de seus sigilos bancário e telefônico. Ele reiterou ter preparado uma autorização para acesso aos próprios dados e aos de familiares, incluindo a primeira-dama Janja e seus filhos. Aos gritos de “Ei, Flávio, abre seu sigilo”, apoiadores reforçaram a cobrança feita pelo presidente no debate.

Lula ainda questionou o candidato do PL sobre o pedido de R\$ 134 milhões ao ex-banqueiro Daniel Vercaro, do Banco Master, para financiar um filme sobre o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). “Quero saber onde estão os R\$ 134 milhões do Banco Master”, afirmou o petista.

Em outro momento, o presidente convocou os apoiadores a buscar eleitores que não compareceram às urnas no primeiro turno. “Nós temos que convencer, com todas as forças, as pessoas que não foram votar a irem votar. Temos que convencer as pessoas de 70 anos ou mais a votarem por seus filhos, netos e bisnetos”, declarou.

O chefe do Executivo também destacou a tradição política progressista do Rio Grande do Sul e classificou o estado como símbolo de resistência à ditadura militar.

Ele demonstrou confiança na mobilização de seus apoiadores. “É humanamente impossível, depois dessa manifestação, achar que alguém pode tirar essa eleição de nós”, frisou. A caminhada ocorreu no Centro Histórico de Porto Alegre.

Mudança de rumos

» ARMANDO HOLANDA

O primeiro debate do segundo turno das eleições presidenciais, realizado no domingo, na Band, provocou uma revisão das estratégias das campanhas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Nas coxias, interlocutores dos dois candidatos reconhecem falhas no desempenho dos presidentiáveis e defendem mudanças para o próximo confronto, previsto para a TV Globo.

Enquanto aliados do petista cobram respostas mais contundentes às acusações do adversário, integrantes do entorno bolsonarista avaliam que o senador exagerou nas provocações e deixou de esclarecer questões sensíveis à própria candidatura. Apesar das ressalvas, a leitura predominante nos dois comitês é de que o embate não provocou alterações significativas no cenário eleitoral.

Nas hostes liberais, a principal preocupação está na imagem transmitida pelo parlamentar aos eleitores que ainda não decidiram o voto. A avaliação é de que o senador pesou a mão na agressividade, com interrupções e ironias que, embora tenham agradado à parcela mais fiel do bolsonarismo, podem dificultar a aproximação com o eleitorado moderado. Auxiliares citam, entre os episódios considerados negativos, a cobrança de respeito pelos quase 56 milhões de votos recebidos no primeiro turno e a afirmação de que estaria “esfregando verdades” na cara do presidente. O diagnóstico é de que o candidato precisa reduzir o tom de confronto e demonstrar maior capacidade de apresentar propostas.

Também incomodaram as respostas consideradas evasivas sobre o financiamento do filme Dark Horse, associado ao banqueiro Daniel Vercaro, dono do Master, e o voto contrário à ampliação da licença-maternidade, além das mudanças de posicionamento em relação ao fim da escala 6x1.

Para integrantes da campanha, Flávio desperdiçou oportunidades de esclarecer temas que podem ser explorados pelo adversário. A orientação de parte dos aliados é de que o senador não abandone as críticas ao governo, mas evite transformar o debate em uma sucessão de ataques pessoais.

Correções

Do lado palaciano, a avaliação também aponta a necessidade de correções. Interlocutores de Lula reconhecem que o presidente apresentou dificuldades para reagir a determinadas acusações e deixou de explorar realizações do governo e propostas para um eventual quarto mandato. A aparência de cansaço em alguns momentos também foi observada pela equipe.

Ainda assim, auxiliares consideram que o petista conseguiu recuperar parte do desempenho a partir da segunda metade do confronto, sobretudo quando passou a cobrar explicações e propostas concretas de Flávio.

Para Elton Gomes — cientista político e professor do Departamento de Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI) —, a repercussão do debate não pode ser medida apenas pelo desempenho dos candidatos diante das câmeras.

“O vencedor da noite não é necessariamente aquele que teve o desempenho televisivo mais adequado, mas aquele grupo político, aquela equipe, aquele esforço político-partidário de militância e de assessoria que vai conseguir transformar os episódios do confronto em narrativas capazes de circular, mobilizar e, em menor escala, persuadir”, analisou Gomes.

“Foi um debate pobre de conteúdo”

» CAETANO YAMAMOTO*

O cientista político e sócio da Metapolítica Consultoria, Jorge Mizael, avaliou que no debate de domingo a noite, na Band, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva buscou discutir temas e interagir, enquanto o senador Flávio Bolsonaro tentou produzir cortes voltados para as redes sociais. Assim, no evento, houve demora para se ter o mínimo de interação entre os oponentes.

“Na minha avaliação, Flávio sabia que não poderia entrar no terreno do candidato Luiz Inácio da Silva. Por isso, tentou se afastar, não responder e esquivar-se da interação e do debate propriamente dito”, destacou, em entrevista às jornalistas Ana Maria Campos e Mila Ferreira, no programa *CB.Poder* — uma parceria entre **Correio** e TV Brasília. Segundo ele, a postura do oponente “causou irritação em Lula e na plateia”.

“Assisti ao debate por dever profissional, mas duvido que o público pouco engajado — as pessoas que se abstiveram ou que votaram em branco ou nulo — tenha permanecido assistindo até o final. Foi um

debate pobre de conteúdo, justamente pela falta de interação entre os dois candidatos”, afirmou.

Para Mizael, Flávio alcançou seu objetivo, enquanto Lula, não, pois o candidato do PL esteve presente para obter cortes virais e memes, estabelecendo uma diferença geracional para demonstrar que possui mais energia, vigor e domínio das nuances das redes sociais.

“Por sua vez, Lula tentou debater e apresentar sua trajetória e compreensão de políticas públicas estruturantes, como educação, saúde e saneamento. Contudo, nenhum desses temas foi efetivamente debatido. Dessa forma, Flávio conseguiu viabilizar a sua estratégia, ao passo que Lula não conseguiu implementar a dele e teve de adaptar-se ao caminho estabelecido por seu adversário”, explicou.

Ao entendimento do especialista, o debate no segundo turno frustrou o eleitor, porque os candidatos poderiam ter abordado questões atuais e relevantes, como o reposicionamento do PT em relação à redução da maioridade penal, temas essenciais de segurança pública, ou a posição quanto à PEC da escala



Mizael no CB.Poder: “Duvido que o público pouco engajado tenha permanecido assistindo até o final”

6x1, sobre a qual Flávio também teve de se posicionar recentemente.

“Esse reposicionamento de ambos os candidatos não foi explorado, pois eles caíram na armadilha de buscar memes, cortes e lacações em vez de debaterem questões fundamentais”, destacou.

Segundo Mizael, o modelo do debate, de 30 minutos, em que os

candidatos administram o próprio tempo, teoricamente possui aspecto positivo por permitir maior aprofundamento, porém a margem para evitar respostas é muito ampla.

“Em determinado momento, o candidato Luiz Inácio perguntou seis vezes sobre o financiamento do filme Dark Horse e o destino de R\$ 134 milhões, e o oponente

apenas repetia: ‘Para o filme, para o filme’”, frisou. “Para o público geral, esse tipo de dinâmica não gera engajamento e assemelha-se a uma conversa desconexa, em que cada parte fala algo diferente, e o diálogo não prospera.”

*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa